

Invasões estimulam

No Acampamento da Telebrasil comercializam-se caibros,

comércio

telhas e madeirites

Valdeci Rodrigues

Três barracos, em média, são construídos todos os dias na invasão do Acampamento da Telebrasil, na Avenida das Nações Sul, em frente à embaixada do Iraque. O cálculo é do presidente da associação de moradores, Antônio Alberto dos Santos. O crescimento provocou o surgimento de uma espécie de profissional da invasão no local. Existem dois estabelecimentos que vendem caibros, telhas e madeirites e no próprio acampamento residem carpinteiros que cobram Cr\$ 150 mil pela mão-de-obra. Um barraco de cerca de 20 metros quadrados não sai por menos de Cr\$ 500 mil.

"Chega gente toda hora. Está proibido, mas o povo não respeita", afirmou ontem o carpinteiro José Vicente da Silva, que constrói barracos com material vendido pela loja do genro, que não quis se identificar nem informar o valor dos produtos que comercializa. "Há muitos que ainda reservam área para quintal, atrapalhando o tráfego", reclamou José Vicente da Silva.

"Os barracos são construídos à luz do dia", protesta o presidente da associação de moradores, Antônio Alberto dos Santos, estimando a existência de mais 1 mil 200 famílias no local. Segundo o presidente da associação de moradores, o projeto de lei aprovado pela Assembleia Legislativa prevê a fixação de apenas 700 famílias. "Nossa posição é a de comunicar ao GDF sobre a chegada dos invasores. Os novos moradores não obedecem a gente e os policiais do posto da PM instalado aqui não receberam autorização para intervir", disse Antônio Alberto.

Fugir do aluguel

"A polícia vem e pede para o

peçoal não construir os barracos, mas quando ela vai embora eles arribam o martelo", afirmou o carpinteiro José Vicente da Silva. Cleunice Marinho Botelho, mulher de um taxista, contou ontem que mora há quatro dias no acampamento. Com o filho de um ano e sete meses nos braços, ela disse que só estava residindo ali porque não tinha outra opção. Teve que vender aparelho de som, televisão e fogão para construir o barraco, que custou Cr\$ 500 mil.

Cleunice Marinho resolveu partir para a invasão depois que o aluguel de um barraco onde morava na Ceilândia dobrou de valor. "Eram só três cômodos. A gente já pagava Cr\$ 55 mil de aluguel. Não tem como pagar mais de Cr\$ 100 mil só para morar", justificou. Ela afirmou que funcionários da Shis estiveram na invasão na última quinta-feira e comunicaram-lhe que somente os moradores cadastrados irão ganhar lote. "Me falaram que vão destruir nossos barracos no dia 9", acrescentou Cleunice Marinho, revelando que todo material utilizado na construção de sua nova moradia foi comprado na própria invasão.

"Mais de 100 famílias chegaram depois de um levantamento feito pela Shis há dois meses", disse o camelô Francisco José Ferreira. É o caso do pedreiro Clementino Rodrigues dos Santos, que mora há um mês na invasão. Pai de quatro filhos, ele afirmou que não estava conseguindo pagar um aluguel de Cr\$ 40 mil no Guará. "Morando aqui dá para se alimentar melhor. Agora espero uma decisão do Governo", disse Clementino Rodrigues, informando que gastou Cr\$ 90 mil na aquisição de madeirite velha para edificar seu barraco de 3 metros de comprimento por dois metros e meio de largura.

Temporários ocupam "lixão"

Dezenove famílias estão acampadas ao lado da invasão do Aterro Sanitário do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), às margens da Via Estrutural. Elas garantem que estão temporariamente no local e que não pretendem fixar residência na área. "Uns chegaram na quinta, outros na sexta-feira", disse ontem Juscelino Batista, que veio de Bonfinópolis (MG), com 10 filhos e oito netos.

Juscelino Batista contou que seus filhos são vendedores de colchas e que ele é trabalhador braçal. Afirmou que sua família pretende voltar para a cidade mineira quando um de seus filhos receber alta de um hospital psiquiátrico em Anápolis. Samuel Rodrigues, vizinho de Juscelino Batista, disse que tem 13 filhos e veio de Arinos (MG). "Somente quatro filhos moram aqui comigo", disse, revelando

que vende confecções nas ruas e que está na área há três meses.

"Chegamos ontem (sexta-feira). Somos de Formosa", explicou Zuleide Alves da Silva, dizendo que com ela moram 8 irmãos. Mais duas famílias vieram da mesma cidade. Zuleide disse que seu pai é mecânico e que todos irão embora quando o avô receber alta do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). "Depois vamos para Posse (GO)", contou Zuleide.

Sidemário Pereira dos Santos, pai de sete filhos, garantiu que é cigano e que está de passagem por Brasília. "Vendemos colchas", disse ele, que mora no local desde a última quinta-feira. Sidemário afirmou que possui casa em Posse (GO) e que por serem ciganos o GDF não se preocupa com as barracas que eles armaram ao lado do Aterro Sanitário. (V.R.)